

# CONTARDO CALLIGARIS

LIBRETO

SALVADOR



FRONTEIRAS  
**BRASKEM**  
DO PENSAMENTO

▶ **COMO VIVER  
JUNTOS**



FRONTEIRAS  
**BRASKEM**  
DO PENSAMENTO

TEMPORADA  
2015



## ► CONTARDO CALLIGARIS

(Itália, 1948)

Psicanalista e cronista italiano radicado no Brasil. Doutor em psicologia clínica, também faz parte do corpo docente do Institute for the Study of Violence, em Boston.

*“Ligamos felicidade à satisfação de desejos, o que é totalmente antinômico com o próprio funcionamento da nossa cultura, fundada na insatisfação. Nenhum objeto pode nos satisfazer plenamente.”*

### **Expediente**

Fronteiras do Pensamento®

### **Curadoria**

Fernando Schüler

### **Concepção e Coordenação Editorial**

Luciana Thomé  
Michele Mastalir

### **Pesquisa**

Francisco Azeredo  
Juliana Szabluk

### **Tradução Ensaio**

Francesco Settineri

### **Editoração e Design**

Lume Ideias

### **Revisão Ortográfica**

Renato Deitos

## ► VIDA E OBRA

Nascido em Milão, na Itália, Calligaris é psicanalista e cronista. Doutor em psicologia clínica pela Universidade de Provence, iniciou seus estudos nas áreas das letras e da filosofia. Nos anos 1970, começou a fazer terapia, e se interessou tanto pela área que mudou a sua atuação. Em 1975, foi aceito como membro da Escola Freudiana de Paris, onde morou até 1989. Lecionou na Universidade Paris 8 e teve aulas com os filósofos franceses Roland Barthes e Michel Foucault, além de acompanhar os seminários ministrados pelo psicanalista francês Jacques Lacan, uma grande influência em sua formação.

Em 1985, veio ao Brasil para o lançamento de seu primeiro livro de psicanálise, *Hipótese sobre o fantasma*. Posteriormente, acabou fixando residência no País, onde reside até hoje. Suas reflexões se concentram na condição humana da sociedade marcada pela obrigatoriedade da felicidade, do gozo, da beleza e dos excessos. Dominando pelo menos quatro idiomas, é estudioso das questões da adolescência, considera esta a etapa da vida que possui uma intensa carga cultural e que se caracteriza como uma das mais potentes fontes de energia da atualidade. *A adolescência* é um dos seus livros mais lidos e estudados.

Além de atender nos seus consultórios em São Paulo e Nova York, é colunista do caderno Ilustrada da *Folha de S.Paulo*, no qual escreve sobre psicanálise e cultura. Publicou mais de dez livros, incluindo dois romances e uma peça teatral. Criou a série de televisão intitulada *Psí*, exibida no canal a cabo HBO. Foi professor de estudos culturais na New School de Nova York e professor convidado de antropologia médica na Universidade da Califórnia, em Berkeley. Também faz parte do corpo docente do Institute for the Study of Violence, em Boston.

Contardo Calligaris, em seu trabalho, conduz as pessoas à reflexão sobre a existência humana, contribuindo para amenizar as angústias provocadas pelos desafios contemporâneos e pelo confronto com o outro, que pode limitar os prazeres e contradizer as certezas e seguranças.

## ► IDEIAS

*“Não gosto muito da palavra felicidade, para dizer a verdade. Acho que é, inclusive, uma ilusão mercadológica. O que a gente pode estudar são as condições do bem-estar. A sensação de competência no exercício do trabalho, já se sabe, é a maior fonte de bem-estar, mais que a remuneração. Nós temos um ideal de felicidade um pouco ridículo.”*

*“Ter uma vida interessante significa viver plenamente. Isso pressupõe poder se desesperar quando se fica sem alguma coisa que é muito importante para você. É preciso sentir plenamente as dores: das perdas, do luto, do fracasso. Eu acho um tremendo desastre esse ideal de felicidade que tenta nos poupar de tudo o que é ruim.”*

*“As identidades de gênero mudaram, há o acesso progressivo da mulher ao mundo do trabalho e mesmo uma independência psíquica. Não é mais uma coisa maluca que uma mulher decida morar sozinha ou não casar ou não ter filhos. Mas essas coisas mudaram marginalmente. Ainda são questões. Uma coisa que a gente pensava que pudesse realmente mudar era o casamento. Ele continua sendo um valor.”*

*“Nós tentamos prolongar a adolescência, sim. Tentamos prolongá-la até o ponto de imitá-la. É muito difícil para um adolescente hoje saber o que é realmente se tornar um adulto e crescer. Porque,*

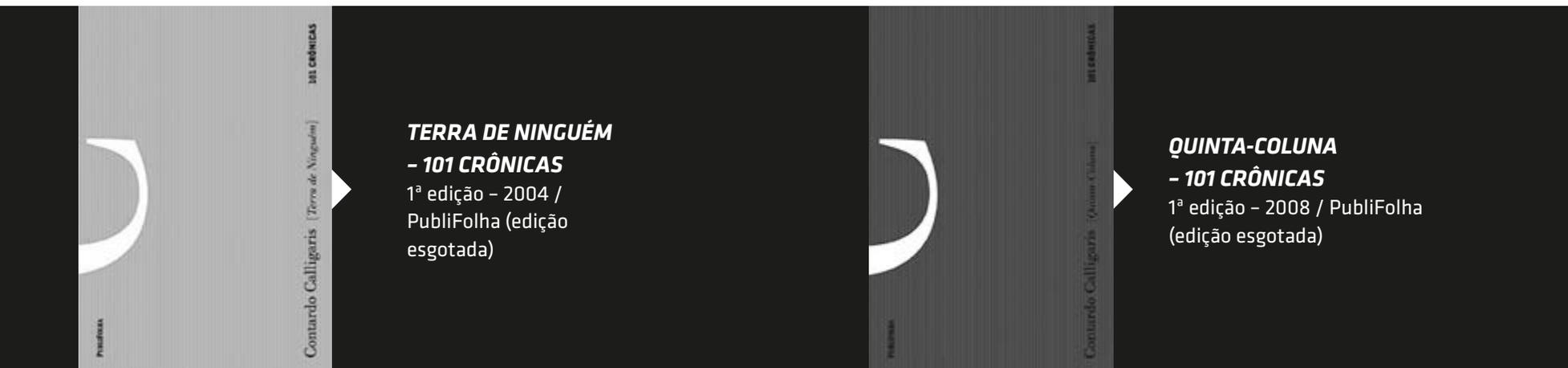
*quando ele olha para os adultos mais próximos, a começar pelos pais, constata que eles estão tentando se tornar adolescentes como ele. O pai e a mãe voltam do trabalho, sábado e domingo, e se vestem como adolescentes. Então, na verdade, eles estão mostrando que o que eles gostariam de ser é o que ele é. Então, o que significa crescer? Tudo leva a essa dúvida. As roupas, a cultura pop, a escolha do carro. Por outro lado, o paradoxal é que os adolescentes têm uma vida cada vez mais protegida, cada vez menos aventureira.”*

*“Será que as pessoas querem ser normais? Normais ou não julgadas? Eu acho que o neurótico médio – que somos todos nós – sonha, idealiza o louco. Ele acha que o louco é ‘o cara’. E sonha em ser perverso. Ou seja, em ser alguém que realmente não teria todos os impedimentos que a neurose nos coloca, ou seja, os registros de culpa, as inibições. O que é uma pessoa normal? Uma pessoa realmente normal é uma que tem um registro de experiência miserável, extremamente pobre. Pode ser que seja relativamente pouco sofrido, mas é também dramaticamente desinteressante. Às vezes, quem pode ser normal são pessoas que têm ou tiveram uma insuficiência cultural-afetiva muito grande.”*



**CARTAS A UM  
JOVEM TERAPEUTA  
– REFLEXÕES PARA  
PSICOTERAPEUTAS,  
ASPIRANTES E CURIOSOS**  
1ª edição – 2007 / Elsevier  
Editora

Este livro apresenta uma série de cartas escritas pelo psicanalista Contardo Calligaris a um jovem que esteja iniciando ou considerando iniciar sua atuação em psicoterapia, além de profissionais já atuantes ou interessados em geral. Por meio de perguntas e respostas, Calligaris compartilha seu conhecimento, discute e destrincha a profissão de terapeuta, dando as informações necessárias a todos os interessados nessa área.



**TERRA DE NINGUÉM**  
**- 101 CRÔNICAS**  
1ª edição - 2004 /  
PubliFolha (edição  
esgotada)

**QUINTA-COLUNA**  
**- 101 CRÔNICAS**  
1ª edição - 2008 / PubliFolha  
(edição esgotada)

Primeiro volume da coleção *101 Crônicas*, este livro traz textos de autoria de Contardo Calligaris publicados no caderno Ilustrada da *Folha de S. Paulo*, de 1999 a 2003. Adolescência, exclusão social, escolhas políticas, moral, violência, conflito de culturas e casamento são algumas das diversas questões abordadas pelo autor.

*Quinta-coluna* reúne 101 crônicas de Contardo Calligaris, publicadas em sua coluna semanal no caderno Ilustrada da *Folha de S. Paulo*. Juntas, compõem uma coleção de textos, comentando assuntos que vão desde relações conjugais, adolescência, cotidiano e guerra, passando pelos expoentes do cinema, da literatura e das artes em geral.

## ► NA WEB



**O CONTO DO AMOR**  
1ª edição – 2008 /  
Companhia das Letras

Carlo Antonini, psicoterapeuta que vive em Nova York, visita o convento de Monte Oliveto Maggiore, na Toscana. Ali ele se depara com algo inusitado – a figura do jovem São Bento, pintada em um dos afrescos nas paredes, é parecida com seu pai, que morreu 12 anos antes. Isso o remete ao próprio motivo de sua ida à Itália: uma estranha conversa que ambos tiveram pouco antes de o pai morrer.

### TWITTER

<https://twitter.com/ccalligaris>

### WIKIPEDIA

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Contardo\\_Calligaris](https://pt.wikipedia.org/wiki/Contardo_Calligaris)

### ENTREVISTAS

#### O cronista das neuroses cotidianas

Entrevista para a série “Com a palavra” do jornal *Zero Hora*  
<http://is.gd/Calligaris1>

(<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/pagina/contardo-calligaris.html>)

#### “Platão é meu amigo, mas a clínica é mais minha amiga”

Entrevista para a revista *Psique*, publicada em abril de 2015 e reproduzida pelo site do *Fronteiras do Pensamento*  
<http://is.gd/Calligaris2>

(<http://www.fronteiras.com/entrevistas/contardo-calligaris-platao-e-meu-amigo-mas-a-clinica-e-mais-minha-amiga>)

#### O amor é inimigo do desejo sexual

Entrevista para o site *M de Mulher*, publicada em julho de 2014

<http://is.gd/Calligaris3>

(<http://mdemulher.abril.com.br/estilo-de-vida/claudia/contardo-calligaris-nao-queroser-feliz-queroe-ter-uma-vida-interessante>)

## Mais loucos e perversos do que nos imaginamos

Entrevista para a *Revista da Cultura*, publicada em fevereiro de 2014

<http://is.gd/Calligaris4>

([http://www.revistadacultura.com.br/entrevistas/conversa/14-02-28/Mais\\_loucos\\_e\\_perversos\\_do\\_que\\_nos\\_imaginamos.aspx](http://www.revistadacultura.com.br/entrevistas/conversa/14-02-28/Mais_loucos_e_perversos_do_que_nos_imaginamos.aspx))

## Páginas vermelhas

Entrevista para a revista *TPM*, publicada em janeiro de 2013

<http://is.gd/Calligaris5>

(<http://revistatpm.uol.com.br/revista/137/paginas-vermelhas/contardo-calligaris.html>)

## Revista TRIP

Entrevista publicada na revista *TRIP* em outubro de 2011

<http://is.gd/Calligaris6>

(<http://revistatrip.uol.com.br/revista/204/reportagens/contardo-calligaris.html>)

## Na cama (ou quase) com Contardo

Entrevista para a revista *Marie Claire*, publicada em junho de 2008

<http://is.gd/Calligaris7>

(<http://revistamarieclaire.globo.com/Marieclaire/0,6993,EML1681052-1739,00.html>)

## VÍDEOS E LINKS

### Folha de SP

Colunas de Contardo Calligaris publicadas no jornal *Folha de S. Paulo*

<http://is.gd/Calligaris8>

(<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/contardocalligaris/>)

### Amor contemporâneo: que seja eterno enquanto valer a pena

Artigo publicado no site do *Fronteiras do Pensamento* sobre a condicionalidade das relações modernas. Publicado em março de 2015

<http://is.gd/Calligaris9>

(<http://www.fronteiras.com/artigos/amor-contemporaneo-que-seja-eterno-enquanto-valer-a-pena>)

### “Psicanalista mais pop do Brasil”

Entrevista para o programa *Metrópolis* da TV Cultura, exibida em dezembro de 2013

<http://is.gd/Calligaris10>

(<http://videos.bol.uol.com.br/video/contardo-calligaris-comenta-titulo-de-psicanalista-mais-pop-do-brasil-04028C19346CDCB94326>)

### Sexo virtual

Café filosófico com Contardo Calligaris, publicado em dezembro de 2013

<http://is.gd/Calligaris11>

(<http://www.cpfcultura.com.br/2013/12/17/sexo-virtual-contardo-calligaris-entrevista->

gravada-na-livraria-da-vila/)

## Metrópolis

Entrevista para o programa *Metrópolis* da TV Cultura, exibida em maio de 2011

<http://is.gd/Calligaris12>

(<http://videos.bol.uol.com.br/video/metropolis--entrevista-com-contardo-calligaris-04028C98356CC0A11326>)

## Roda Viva

Entrevista de Contardo Calligaris para o programa *Roda Viva* da TV Cultura, exibida em novembro de 2010

<http://is.gd/Calligaris13>

(<https://www.youtube.com/watch?v=INLdPXa3UvM>)

## A ESTRADA DA MEMÓRIA: UMA DEFESA DA VIDA URBANA

POR CONTARDO CALLIGARIS

Trecho de ensaio traduzido pelo *Fronteiras do Pensamento*, publicado originalmente em *Europe: Theory of the city*, edição do jornal acadêmico *Critical Quarterly* – número 36 (1994).

### A cidade bombardeada (Milão no início dos anos 1950)

Eu devia ter cinco anos quando de repente declarei que aprenderia inglês. Minha decisão foi bem recebida, apesar de a língua inglesa não ser falada na nossa residência, nem idealizada como um Esperanto do futuro (se alguma língua estrangeira jamais o foi, essa seria o francês). Não havia conexões especiais com a cultura anglo-saxã no passado da minha família.

Então lá fui eu, três vezes por semana, a princípio acompanhado por uma babá ou avó, andando três quarteirões e depois virando à esquerda, ao convento próximo da Irmã Beatrice, minha primeira professora de inglês.

Por que um menino milanês tão jovem iria de repente se voltar para o inglês?

A caminhada até o convento me era familiar. Era, na verdade, a mesma que levava a uma grande praça, a Piazza Leonardo da Vinci, onde passaria algumas horas do dia, seguindo nossos ideais culturais de uma vida saudável, quase desde meu nascimento. Essa caminhada diária de um lado para o outro era, nesse princípio dos anos 1950, uma experiência peculiar, já que a rua Pacini, onde vivia e havia nascido, assim como a via à esquerda, a rua Ampère, ofereciam a incrível imagem de uma dentadura cariada. Um em cada dois ou três prédios estava faltando, e em seu lugar havia cercas de madeira e, atrás destas, uma enorme quantidade de escombros. Em todas as cercas, o mesmo pôster em letras brilhantes mostrava um menino horrorizado por algo explodindo em suas mãos. Na verdade, ele já era maneta, no meio da explosão, sangrando através da pele arrancada de seus braços, enquanto uma menina observava, gritando de horror. Ao lado, talvez abaixo, havia imagens detalhadas de dispositivos não detonados que uma criança poderia encontrar enquanto brincava nas ruínas. Um aviso seguia, em letras garrafais: “Se você encontrar algum desses, não o toque, apenas chame a polícia imediatamente”.

Eu não sofri com o estranho destino de minha cidade bombardeada, na época eu devia pensar que isso era normal. Eu dificilmente brincava na rua, de qualquer forma.

Hoje eu poderia contar a história dos libertadores norte-americanos e ingleses, e do dilema – nos olhos das mulheres italianas – entre os soldados esfarapados e os guerreiros aliados em suas armaduras brilhantes, distribuindo chocolate, cigarros e meias de nylon. É uma história de vergonha e orgulho: orgulho de um pai resistente e vergonha por sentar-se paradoxalmente entre os derrotados e os culpados. Mas, naqueles dias, quanto poderia eu saber da recente história de meu país? Tenho certeza de que não havia muita conversa de família a esse respeito e a cultura pós-guerra estava engatinhando: não existia televisão na Itália, nós mal ouvíamos rádio em casa, e eu era muito jovem para ir ao cinema.

Então, quem estava me suspirando que o inglês era a linguagem para ser aprendida e falada, a linguagem dos livres sortudos, dos tão esperados bravos, dos poderosos cujos meios de libertação eram desejados e temidos? Só poderiam ser os murmúrios e resmungos dos escombros da cidade bombardeada. A cidade decidira em meu lugar.

Quando volto a Milão e caminho pela rua Pacini nos dias de hoje, ainda mecanicamente brinco de adivinhar as datas dos prédios: antes, depois, depois, antes...

Em 1992, estava saindo do aeroporto intercontinental de Milão, Malpessa. O trânsito estava interrompido por diversas horas e apenas durante o jantar soubemos que uma pequena enchente próxima de um trilho havia exposto, repentinamente, uma

bomba de uma tonelada não detonada. A equipe de engenheiros estava tentando desativá-la. As bombas ainda estavam lá, mensagens inquietantes de baixo do asfalto. Elas eram não apenas semblantes de efeito retardado do falo de um pai que falava inglês e era muito mais poderoso que o nosso. Elas também eram, para mim, a ameaçadora realidade de uma terra impossível e minada: elas me lembravam que a nação ainda estava incuravelmente dividida. O sentimento de pertencimento a uma comunidade ou, ao menos, a uma terra fica criticamente comprometido quando a expressão legal de uma nação perseguiu nossos pais.

Assim, cidades bombardeadas “são” memórias diferentes. A questão final (vitória ou derrota) faz a diferença entre, por exemplo, Coventry e Köln. E outra diferença distingue Milão de Le Havre, ao que as feridas francesas foram curadas com o bálsamo do orgulho legítimo gaullista. Eu nasci numa cidade cujas pedras e cujos escombros, antes mesmo que os pudesse ler, falavam a linguagem da modernidade: não fique parado em bombas-relógio, siga em frente. Eu tenho sido um estrangeiro desde então.

As pedras da cidade são a presença material da memória coletiva. Até Le Corbusier<sup>1</sup> iria aqui apertar a mão de Benjamin, comparando Paris à “grande sala de leitura de uma biblioteca do outro lado do Sena”<sup>2</sup>.

Mas há mais um aspecto da minha memória de infância em relação à minha decisão repentina de aprender inglês. Porque eu não estava “lendo”

minha cidade bombardeada, nem estava ela “representando” o passado. Sua presença material ao meu redor não era apenas um tipo de mensagem que eu poderia decodificar (como poderia eu decodificar aos cinco anos, de qualquer modo?).

É uma das ideias mais radicais (e por vezes subestimada) de Lacan que o conhecimento inconsciente não pertence ao indivíduo, nem é coletivo, no sentido de que deveríamos ter as mesmas memórias “arquetípicas”. Isso é, como ele afirma, “transubjetivo”, o que significa que ocupa ou, melhor ainda, é o espaço concreto entre nós. Não é dentro de nós, mas nos atinge e nos guia de fora; é a cultura ao nosso redor, o eco próximo e distante das palavras ditas e não ditas, as formas materiais da sociedade: nossas moradias<sup>3</sup>.

Então, o ambiente sólido da cidade é mais do que uma biblioteca a ser lida, ou uma representação de “imagens sucessivas do passado”<sup>4</sup>. De alguma forma, acima e anteriormente a isso, é um discurso vivo endereçado aos moradores, inevitavelmente moldando suas vidas.

### **Demolição e reconstrução (Milão no final dos anos 1950)**

Por todo o caminho da sétima série, sempre quando tínhamos aulas à tarde, um amigo e eu voltávamos caminhando para casa juntos; Giovanni Rossi era seu nome, um nome milanês típico. Caminhávamos em um ritmo rápido e firme para ter-

mos algum tempo para perder, e parávamos, não importando o clima, na esquina das ruas Porpora e Vallazze. Esgueirávamo-nos em uma abertura na cerca de madeira e, renegando os pôsteres e seus avisos de sempre, entrávamos em uma vasta ruína. Não distante de nossa entrada secreta, uma parede ainda se mantinha ereta, oito ou nove pés de largura e igualmente alta. No canto superior da parede, uma estranha excrescência se projetava para fora e acima do escombros, conferindo-lhe o aspecto de força.

Revezávamo-nos para escolher um pedaço de concreto dos escombros e jogar aquilo, com toda a força que possuíamos, na excrescência que havia resistido ao bombardeamento e à possível demolição subsequente. Queríamos derrubá-la.

Então, por meia hora, três vezes por semana, silenciosamente e metodicamente, à luz do dia até dezembro, e então no escuro até março, e então à luz do dia novamente, persistimos. Não havia competição entre nós, então posso lembrar da queda final de nosso alvo nos escombros (em algum dia de maio), nossa satisfação silenciosa, mas não de quem foi o golpe final.

O que estávamos destruindo, o Rossi e eu, naquelas tardes milanesas? O que poderia possivelmente estar em jogo para nós em pôr abaixo aquele resto incongruente da guerra? Naquele momento, certamente sabíamos mais a respeito da nossa história recente. Ele era filho de um condutor de trem

comunista, perseguido e preso. Eu era o filho de um outro antifascista, membro da CLN, próximo do Partito d'Azione, lutando nas montanhas de La Grigna entre 1943 e 1945. Estávamos no mesmo lado, de algum modo, mas a Guerra Fria já se encontrava entre nós. Nem tão fria, uma vez que a guerra da Coreia estava em andamento.

Talvez nossa demolição silenciosa era um ato de fé compartilhado em um futuro individualista onde poderíamos nos reinventar livres da vergonha recente de nosso país, os orgulhos opostos de nossas famílias e do passado em geral. Nossa raiva contida era um hino racionalista, uma mistura de Gropius e Le Corbusier: o sonho de um universo urbano cosmopolita construído apesar e contra uma dívida histórica muito confusa e mal resolvida. Nossa cidade nos encorajava; aparentemente nos pedindo para destruir as ruínas e começar novamente.

### **O centro (Milão no meio dos anos 1960)**

Sempre que podíamos, durante o *happy hour*, e nos sábados sempre duas vezes – no final da tarde e depois de jantar –, nosso lugar de encontro era um bar na Piazza San Babila, lá em cima, no centro. Íamos “para cima” ao centro, mesmo que não houvesse obviamente subidas, e o meu rumo era, nitidamente, do Leste para o Oeste. Para ir ao centro, arrumávamo-nos e, uma vez lá, sentávamos no balcão, dávamos um passeio “lambendo” vitrines, e conversávamos: víamos e éramos vistos.

Nas noites de sábado, havia pouco tempo para jantar em casa entre o final do *happy hour* e a hora de voltar, antes das 21h30, para a última sessão de cinema. Apesar disso, eu costumava ir para casa caminhando. Era uma forma de afirmar, contra toda prova razoável, que eu não vivia longe do centro: dava para ir a pé.

Isso era mais do que uma ilusão a respeito de minha posição de classe. O mapa mental europeu de uma cidade<sup>5</sup> quase que invariavelmente atribui valor social de acordo com a noção de que, quanto mais próximo ao centro, melhor.

Os limites do que era pensado como “o centro” mudavam: a catedral e o palácio real abriam caminho para o distrito teatral, ou as áreas comerciais. Tais centros podem até coexistir, mas no mapa mental europeu de uma cidade elas são, a princípio, sempre urbanas.

Não há dúvida para se perguntar por que o mapa mental europeu de uma cidade possa ser tão voltado aos centros<sup>6</sup> em um sentido topográfico. É verdade que através do século XIX os subúrbios das cidades foram constantemente designados como lugares marginais onde os perigos de uma moralidade duvidosa, ideias sediciosas e talvez uma precária saúde aguardavam o cidadão<sup>7</sup>. “Banlieusard”, no francês urbano contemporâneo, é um insulto. “Faubourg”, inevitavelmente, evoca uma etimologia falsamente cratiliana: “faux bourg”, cidade falsa. “Banlieu”, por si mesmo – indicando original-

mente o espaço para além dos banimentos da cidade que não possui mais efeito –, está associado ao “bannir” (banir), desta forma evocando ao caminhante urbano o destino de um exílio.

Poderíamos mencionar, como fez Barthes<sup>8</sup>, a referência ideal constante, na Europa urbana, a Atenas de Clístenes, e seguir com o fato de que os limites das cidades europeias eram, seguidamente, paredes sólidas, de alguma forma excluindo a população de fora dos limites dos benefícios da vida urbana. Mas, entretanto, as paredes foram derrubadas há muito tempo. E quando os subúrbios apareceram como que margens traiçoeiras, a cidade em si foi denegrada enquanto um espaço de desordem moral e política<sup>9</sup>.

Por que, afinal, nós “subíamos” ao centro sempre que possível? Apesar de que falássemos de política, certamente não o fazíamos pela mesma razão que levava um romano ao Foro. Nossa participação na vida urbana não era uma prática política de governo. Nesse mesmo sentido, o distrito financeiro não era o centro para nós – por mais próximo que fosse do verdadeiro núcleo decisório. Se o núcleo e o centro de uma cidade moderna se tornam, como Benjamin já havia percebido, a concentração de lojas e mercadorias, isso é mais do que uma simples mudança de um poder para outro. O novo centro não é um lugar de poder: ele é, como disse Robert Park sobre a cidade, “um estado de espírito” ou um modo de vida, consistindo principalmente da sedução imediata de uma simples aparência.

Sua posição topográfica central é um ponto de montagem para a mais ampla diversidade de habitantes: para que eles possam todos convergir e aproveitar o jogo de sedução urbana. A rua é o seu ambiente e substância, mas o seu destino tem sido arriscado.

A América do Norte não teve muita sorte: a prioridade dada ao econômico em oposição à integração cultural ou étnica manteve diferenças que a fricção delicada do trânsito nas calçadas dificilmente pode civilizar. Consequentemente – muito contrariamente ao otimismo da Escola de Chicago –, uma desintegração da cidade em vilas sociais e étnicas e o nascimento do *shopping center*, uma espécie de ficção urbana das ruas, que garante uma limitada variedade de pessoas e um mínimo risco. Em tal mapa, habitantes suburbanos são dificilmente exilados; eles podem medir sua distância do centro a partir de um ponto de vista prático (o tempo de ir e voltar do trabalho), mas não enquanto uma medida de valor social<sup>10</sup>.

O Brasil<sup>11</sup> seguiu pelo mesmo caminho por uma razão diferente: convencido da permanência da escravidão, o país continuou acreditando que os escravos não perturbariam o festim urbano, já que esses seres subumanos eram transparentes (é por isso que a segregação no Brasil ainda não corresponde à segregação espacial: os escravos devem viver nos fundos da casa do mestre). A rua se tornou intransitável, e o Brasil adotou o *shopping center* norte-americano (ou pior, o clube).

A Europa se segura bem. Distribuindo mais do que recebendo imigrantes, ela poderia privilegiar o cultural acima da integração econômica e, de alguma forma, através de assistência, limitar as diferenças sociais. E assim se tornou – para o turista norte-americano, por exemplo – o lugar onde a cidade pode ser exótica, mas sem risco, onde varandas e passagens com telhados de vidro podem servir como *hall* de entrada para o festim urbano em qualquer clima. Seus subúrbios são ou zonas deterioradas de exclusão étnica e social ou exílios luxuosos permanentemente enfadonhos, uma vez que *shopping centers* suburbanos jamais podem competir com as ruas do centro.

Uma questão, entretanto, assombra os cidadãos europeus. Eles sabem que as cidades do mundo são uma grande cidade universal. E eles podem legitimamente se perguntar se o centro da cidade, por onde eles caminham e trocam olhares, não passa de um *shopping center* suburbano. Afinal, onde fica o centro da cidade global mundial? O fato de isso poder ser, paradoxalmente, Manhattan, incomoda Paris, Londres e outras cidades europeias. Reivindicando o charme das suas ruas em vez de novos tipos de jogos urbanos, a astúcia de sua conversão dos salões para novos ambientes, eles de certa forma se retiram para uma contida caricatura de uma vila onde todos falariam a mesma linguagem (como o ministro francês atual, Monsieur Toubon, parece desejar). Alheios de sua glória urbana, eles se gabam sobre sua imortal textura comunitária. E, de repente, eles cheiram a suburbanos.

Acesse [www.fronteiras.com/artigos/a-estrada-da-memoria](http://www.fronteiras.com/artigos/a-estrada-da-memoria) para ler a versão integral do ensaio *A estrada da memória*, de Contardo Calligaris.

## NOTAS

1 Le Corbusier, *La Charte d'Athènes*, Paris, Seuil Points, 1971, par. 6, p. 26.

2 W. Benjamin, *Berliner Chronik*, Frankfurt: Suhrkamp, 1970.

3 O debate, bem conhecido pela antropologia cultural, se opõe à concepção de cultura enquanto realidade psicológica cuja presença é mental, dentro da personalidade dos indivíduos (as expressões materiais da cultura seriam, então, a consequência de um conjunto comum de valores e ideias internalizadas, principalmente através da educação, por uma quantidade de pessoas), para uma concepção de cultura enquanto “fenômeno supraindividual ou suprap psicológico que possui vida própria e, por assim dizer, obedece a suas próprias leis e em relação ao qual o indivíduo humano se torna essencialmente um ‘veículo’ ou uma ‘criatura’ da cultura” (A. I. Hallowell, *Culture and Experience*. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1955; Brighton: Wayland Press, 1988, p. 33). Hallowell está pensando principalmente em Leslie White, a quem ele cita (L. White, “The Individual and the Culture Process”, em *Centennial*, American Association for the Advancement of Science, 1950). Lacan mal poderia discordar com L. White (o que é, falando nisso, consistente em relação à influência de Durkheim em sua formação intelectual), apesar de que, no final, ele provavelmente concordaria com a ideia de Tom Parsons de que um sistema de ação é composto e um sistema de cultura é um conjunto de personalidades (Lacan provavelmente não reconheceria o sistema social enquanto um terceiro termo: ele ou o consideraria parte da cultura ou um efeito imaginário das personalidades).

4 Le Corbusier, op. cit., p. 26.

5 O mapa mental de uma cidade pode ser compreendido em uma perspectiva cognitiva e se relaciona à orientação física do indivíduo em um ambiente urbano. Ele também pode ser pensado como a representação mental de uma cidade que a maioria de seus habitantes eventualmente compartilha. Em sociedades tradicionais, é quando a representação da organização simbólica do grupo muitas vezes coincide – como mostrou Lévi-Strauss – com uma verdadeira e clara distribuição do espaço urbano. Em nossa cultura, tal mapa é uma representação imaginária do espaço social e suas relações, comumente entrando em conflito com a herança topográfica – particularmente na Europa, onde a topografia da cidade é em geral muito mais velha do que a sociedade individualista.

6 Cf. S. Kostof, *The City Assembled*, Londres: Thames & Hudson, 1992, p. 66.

7 Cf. J. M. Merriman, *The Margins of City Life: Exploration of the French Urban Frontier, 1815-1851*, Editora da Universidade de Oxford, 1991.

8 R. Barthes, “Sémiologie et urbanisme”, em *L'Aventure Sémiologique*, Paris: Seuil, 1985, p. 262.

9 M. Perrot, “La ville et ses faubourgs au XIXe siècle”, em *Citoyenneté et urbanité*, ed. J. Baudrillard, Paris: Esprit-Seuil, 1991, p. 73.

10 Para um relato detalhado da deterioração da área central em cidades norte-americanas e uma proposta política e administrativa muito interessante para sua reabilitação, cf. D. Rusk, *Cities without suburbs*, Washington, DC: Woodrow Wilson Center, 1993.

11 A América do Sul não existe. Buenos Aires e Montevidéu, por exemplo, são, neste contexto, cidades europeias.

Realização

TELOs

CADERNO 2  
PRODUÇÃO

Apoio

REDE BAHIA



Patrocínio



FOMENTO À CULTURA  
Fazcultura

SECRETARIA DE  
CULTURA

SECRETARIA DA  
FAZENDA

BAHIA  
GOVERNO DO ESTADO